

que deu origem a outros inúmeros filmes ou séries de TV, como *A ilha do futuro* (*L'isola del tesoro*) produção ítalo-alemã de 1987, sob a direção de Antonio Margheritti, e a animação norte-americana *Planeta do tesouro* (*Treasure planet*) de 2002, de Ron Clements e John Musker, exemplos apenas do gênero da ficção científica. Um retrospecto da influência de Jekyll e Hyde no cinema ilustra bem o poder de sedução de alguns personagens literários, cuja existência parece preceder e ir além da própria obra que lhes deu origem. Com base em sua experiência clínica, o médico Theodore Dalrymple comenta, em seu artigo “Mr. Hyde and the epidemiology of evil” (em *The New Art Giterion*, v. 23, nº 1, setembro de 2004, p. 24-8), que “mesmo pessoas iletradas, que nunca leram um livro em suas vidas, fazem uso de Jekyll e Hyde enquanto metáfora.”

Stevenson já foi considerado autor de literatura juvenil e acusado de ser um escritor afetado. Contudo, a força de seus personagens e a atualidade de suas histórias tem contrariado opiniões negativas e garantido a sobrevivência de sua obra no decorrer dos séculos. Graham Greene, Ítalo Calvino e Jorge Luiz Borges estão entre os que consideraram Stevenson um mestre. No início deste ano, foi lançada uma nova biografia do autor escocês, escrita por Claire Harman (*Robert Louis Stevenson – a biography*, Harper Collins, 528 págs), marcando, talvez, o início de uma revisão crítica desse que foi um dos mais influentes contadores de histórias da literatura universal.

Alfredo Luiz Suppia



Cena do filme de estréia de Elza Cataldo na direção

## CINEMA

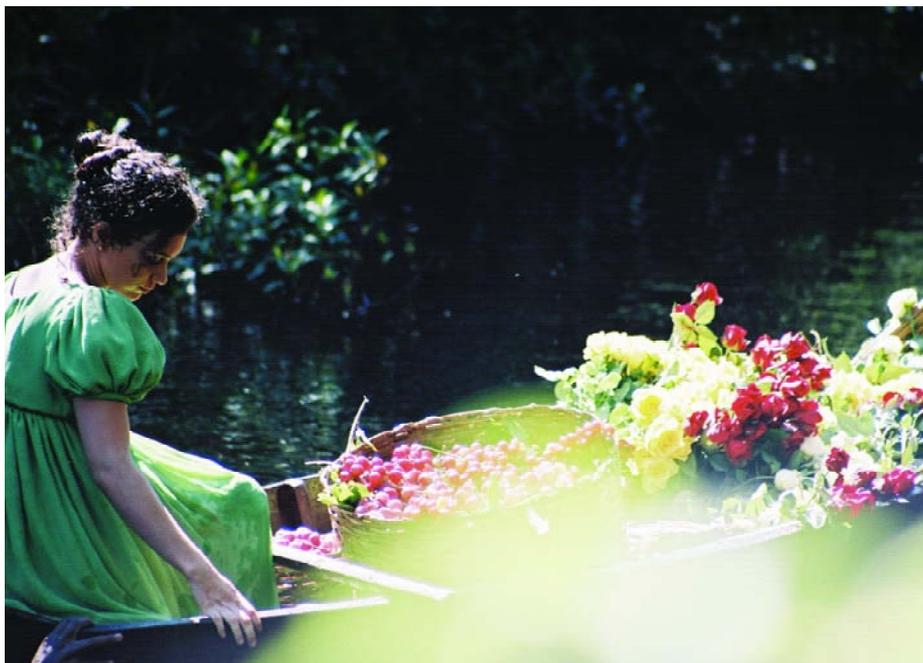
# OBRA RESGATA HISTÓRIA DAS MULHERES NA INCONFIDÊNCIA

Liberdade, ainda que tardia, e no gênero feminino. O filme *Vinho de rosas*, o primeiro da cineasta mineira Elza Cataldo, em parte resgata em parte recria a história de Joaquina, filha de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Condenado à morte e enforcado no Rio de Janeiro em 21 de abril de 1792, o pai de Joaquina é personagem conhecida – e controversa – dos livros de história. O movimento de libertação que liderou, a Inconfidência Mineira,

figura entre as primeiras tentativas de tornar o Brasil uma república independente de Portugal.

Quando se trata das mulheres que viveram no mesmo período, porém, a história se apresenta cheia de lacunas. Por isso, a cineasta teve que recorrer também à ficção para “preencher essas lacunas de forma plausível”. Na história oficial, elas são relegadas ao papel de coadjuvantes sem voz. No cinema, tornaram-se protagonistas. O padre, o sacristão, o advogado e outros personagens masculinos compõem a narrativa, mas não conduzem o enredo, não são eles que contam a história. “Acho que o olhar feminino traz um novo enfoque à história do Brasil, ao revelar a forma como as personagens femininas se relacionaram com os inconfidentes”.

A cidade de Ouro Preto – antiga Vila Rica – constituiu o principal cenário do filme, da mesma forma



L. M. G. S. / O. G. S.

A personagem de Joaquina, em *Vinho de Rosas*

como, outrora, serviu de palco a dramáticos eventos do período da mineração. “As edificações históricas de Ouro Preto merecem destaque pela beleza, grandiosidade e riqueza de lembranças”, afirma Elza Cataldo. Mas também houve locações em Belo Vale, Paraty e na Serra do Cipó. “Desenvolvi pessoalmente uma pesquisa bastante detalhada de locações e esses lugares corresponderam às características necessárias para a história narrada e à logística da produção do filme”. Para a cineasta, o filme contribuiu para a consolidação da identidade mineira “ao revelar uma das origens de nossa porção conspiratória”. Na escolha da equipe de filmagem e do elenco, usou como critérios o comprometimento com o imaginário mineiro, a entrega ao tema e à abordagem proposta. “O projeto nasceu quando descobri que Tiradentes tinha tido uma filha”, conta.

**A FILHA DE TIRADENTES** Joaquina vive num convento e, enquanto aguarda o momento de professar seus votos, ajuda uma das freiras, irmã Lúcia, a produzir a bebida que dá nome à película. Quando o dia chega, Joaquina descobre sua identidade, se rebela e é enclausurada. Irmã Lúcia se compadece da condição de sua discípula e a liberta, condicionando a libertação a que Joaquina siga produzindo o vinho depois de sua morte. Vagando sem destino pela Serra da Mantiqueira, a ex-futura freira acaba se juntando a uma trupe de artistas, com a qual chega a Vila Rica. Nas mãos, apenas uma garrafa do vinho de rosas. Joaquina fica com os atores na Casa da Ópera, onde passa o primeiro mês fora do convento, habitando precariamente o camarim da atriz Violante Mônica. A trupe deixa a cidade, ela permanece, em busca dos próprios rastros biográficos. Palavras e frases traídas

pelos delírios de febre da mãe, além de relatos da mulher de Tomás Antônio Gonzaga, a “Marília de Dirceu”, ajudam Joaquina a compor a imagem do pai.

Na igreja do Carmo – antiga igreja da Nossa Senhora do Pilar – encontra a mãe, Antônia, em estado de miséria e grave doença, sob os cuidados da escrava Maria de Angola. Encontra os livros que inspiraram o pai em sua ingloria luta e procura aliviar o sofrimento de Antônia com cuidados ao longo da noite e pequenas doses de seu precioso vinho. Enquanto cuida da mãe, Joaquina tenta reaver as terras de Tiradentes. O advogado cobra caro, mas Joaquina conta com o apoio de Bárbara Eliodora, a poeta, esposa do árcade Inácio José de Alvarenga Peixoto, preso e exilado em Angola. Eliodora tem a posse das terras e conhece as leis. Somente após a retomada das propriedades de seu pai, Joaquina revela a Antônia ser sua filha e ter planos para as terras: o cultivo de uvas e rosas para produzir o vinho que aprendera a fabricar no convento.

Outros filmes já foram realizados sobre o tema: *Inconfidência Mineira*, de Carmem Santos (1948); *Os Inconfidentes*, de Joaquim Pedro de Andrade (1972); *Tiradentes*, de Oswaldo Caldeira (1998). “Tenho muito respeito por esses filmes e espero contribuir, também, para tornar o tema mais conhecido e valorizado”. O vinho de rosas pode ser encontrado, até os dias de hoje, no Convento de Macaúbas, em Santa Luzia, a 25 km de Belo Horizonte (MG).

Flávia Natércia